



QUESTIONAMENTOS E CERTEZAS QUE INQUIETAM EM *ESCREVO COISAS E APAGO*



QUESTIONS AND CERTAINTIES THAT DISTURB IN *ESCREVO COISAS E APAGO*

ROSANA CRISTINA ZANELATTO SANTOS

RAFAELA CRISTIANE PEREIRA MACIEL

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | AS AUTORAS
RECEBIDO EM 26/07/2020 • APROVADO EM 10/10/2020

Abstract

If questions and certainties are controversial in the protagonist's thoughts in the short story *Escrevo coisas e apago*, by Vivina de Assis Viana (1992), for she the proverbs are always right and then she appeals to them to answer her questions. The teenager lives in a catholic boarding school, and her mind is full of questions that are not said, nor exposed; they are recorded by writing, like a diary. The proverb is one sentence that expresses a popular form which gives advices about moral, philosophical, and religious meanings. In writing of the protagonist of the narrative, she registers that she likes to read proverbs; they make you think and be sure of something. Among the many doubts that run in her thoughts, the teenager leaves us the strong impression that she likes to speculate about the world and about the problems and the questions that organize and disorganize her curious and restless mind. We aim to reflect on the linguistic-interpretative aspect of thought from the conceptions of Vilém Flusser (2011), the role of the character in the narrative text based on the considerations of Antonio Candido (1976), and Anatol Rosenfeld (1976), and its relations with proverbs (XATARA; SUCCI, 2008), considering the reclusive and authoritarian place where the teenager lives.

Resumo

Se questionamentos e certezas polemizam nos pensamentos da protagonista do conto *Escrevo coisas e apago*, de Vivina de Assis Viana (1992), os provérbios para ela estão sempre certos e é a eles que ela recorre para responder às suas indagações. A adolescente vive em um internato católico, e sua mente está cheia de questionamentos que não são ditos, nem expostos; eles são registrados pela escrita, ao modo de um diário. Os provérbios condensam a sabedoria popular, contendo significados de ordem moral, filosófica e religiosa. Em sua escrita, a protagonista narra que gosta de ler provérbios; eles a fazem pensar e ter certeza de algo. Entre as muitas dúvidas que correm em seus pensamentos, a adolescente nos deixa a forte impressão de que gosta de especular acerca do mundo e sobre os problemas e os questionamentos que organizam e desorganizam sua curiosa e inquieta mente. Objetivamos refletir sobre o aspecto linguístico-interpretativo do pensamento a partir das concepções sobre os nomes próprios de Vilém Flusser (2011), o papel da personagem no texto narrativo com base nas considerações de Antonio Candido (1976) e Anatol Rosenfeld (1976) e suas relações com os provérbios (XATARA; SUCCI, 2008), considerando o ambiente recluso e autoritário onde a adolescente vive.

Entradas para indexação

KEYWORDS: Thought; Proverb; Personage; Proper name; Contemporary Brazilian short story.

PALAVRAS-CHAVE: Pensamento; Provérbio; Personagem; Nome próprio; Conto brasileiro contemporâneo.

Texto integral

1. INTRODUÇÃO

O conto *Escrevo coisas e apago*, de Vivina de Assis Viana¹, eleito para a discussão ora desenvolvida, está incluso na coletânea **Professor e aluno** (CAMPEDELLI, 1992), que traz ainda contos de Machado de Assis, Graciliano Ramos, Ivan Ângelo, Vilma Arêas e Luiz Vilela, todos com temas relacionados à infância e à adolescência, com ênfase na relação professor e aluno e na representação de ambos em ambientes de escolarização. Nele, a protagonista, que vive e estuda em um internato católico, gosta de pensar e de ler provérbios, estes últimos porque eles a fazem aprender algo da vida, além de trazerem à sua mente a figura do pai: "Dos males, o menor. Meu pai gosta de dizer isso, dos males o menor. Eu aprendo muitas coisas com ele, principalmente provérbios" (VIANA, 1992, p. 45). Entre as poucas

¹ Viana nasceu em 1940 em Morro do Ferro, Minas Gerais. Aos oito anos, foi estudar em um internato, em São João Del Rey/MG, durante sete anos. Depois disso, rumou para Juiz de Fora, para outro internato, ficando por lá três anos. De 1958 a 1968, residiu em Belo Horizonte, onde cursou Letras Neolatinas (UFMG). Nesse tempo em BH, participou de movimentos estudantis, passeatas e protestos. Em 1964, lecionou francês no Colégio de Aplicação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da UFMG. Mudou-se para a cidade de São Paulo após seu casamento. Em 1977 publicou sua primeira narrativa, *O dia de ver meu pai*, trazendo, pela primeira vez, a questão da separação conjugal em livros infantis. Em 1989, ganhou o prêmio Jabuti de Literatura Juvenil com *O mundo é pra ser voado*. Atualmente, é consultora de editoras (informações extraídas da dissertação de mestrado intitulada *As intenções da escritura: criação literária e aspectos biográficos em Vivina de Assis Viana*, de Andréia Nogueira Hernandes).

certezas presentes no conto, a personagem nos deixa três impressões certas: a de que gosta muito de pensar, a de que precisa escovar os dentes ("Só faço questão de uma coisa: escovar bem os dentes" - VIANA, 1992, p. 43) e a de que gosta de provérbios.

O pensamento funciona como o desencadeador das dúvidas acerca da própria existência da protagonista no mundo físico onde vive, o pequeno, fechado e proibitivo espaço do internato:

[...] eu fico escutando os barulhos lá de fora, os barulhos da rua, as músicas, os passos, os assovios, me dá uma sensação que nem sei do quê, parece que vou sumindo ou que eu não existo. [...] Só fico pensando, porque não posso perguntar nada a ninguém, é proibido. (VIANA, 1992, p. 42).

Se a relação da protagonista com o mundo e consigo mesma nos dá uma impressão de apagamento e de silenciamento, por outro lado, ela é a narradora desse estado de coisas. Porém, ela mantém uma relação contraditória também com os nichos da escrita e do aprendizado, que poderiam se tornar seus refúgios: "Eu não estudo nada, não tenho ânimo. Leio algum livro, penso e finjo que estou estudando, faço ponta em todos os lápis de cor, *escrevo coisas e apago*, depois torno a escrever" (VIANA, 1992, p. 45, grifo nosso). A protagonista precisa de alguma certeza; ela percebe que a palavra escrita também é da ordem do efêmero, pois pode ser apagada, não lhe restando isso como alento.

Propomos aqui analisar a protagonista narradora do conto, que nos é apresentada sem um nome próprio, como se este, aparentemente, também tivesse sido apagado da história, norteando-nos pelos seguintes aspectos: o pensamento gerador de questionamentos, o espaço fechado do internato e as breves certezas suscitadas pelos provérbios.

2. O ESTILO E O EFEITO DA ROTINA

Desde o início do conto *Escrevo coisas e apago*, percebemos que a protagonista vive em um universo onde o cotidiano e a imaginação vivem em conflito: "Essa noite tive um sonho *muito bom*, só tinha um defeito: era mentira. Quando acordei, estava na cama de *sempre*, a segunda perto da janela" (VIANA, 1992, p.42, grifo nosso). Se o sonho, lugar de liberdade imaginativa, fora "muito bom", o marcador adverbial "sempre" dá a dimensão da continuidade fastiosa da presença do lugar de dormir e de acordar da narradora.

Para o sucesso de um texto junto ao leitor, Edgar Allan Poe já ressaltara a importância da intenção e do efeito pretendidos estarem presentes em face do epílogo da narrativa.

Nada é mais claro do que deverem todas as intrigas, dignas desse nome, ser elaboradas em relação ao epílogo antes que se tente

qualquer coisa com a pena. Só tendo o epílogo constantemente em vista poderemos dar a um enredo seu aspecto indispensável de consequência, ou causalidade, fazendo com que os incidentes e, especialmente, o tom da obra tendam para o desenvolvimento de sua intenção. (POE, 1997, p. 911).

O conto de Vivina de Assis Viana é narrado em primeira pessoa, em um único e extenso parágrafo de seis páginas, acompanhando a continuidade e a rotina dos dias no internato. O tempo verbal imperante é o presente do indicativo, que descreve com detalhes a rotina, as regras, as proibições, as aulas, a higiene com os dentes, enfim, o cotidiano de uma adolescente da segunda série ginásial que vive num internato para moças. O tempo verbal no passado aparece no começo do conto, somente para a protagonista afirmar que teve um sonho.

A presença do sonho será detectada novamente no entrecho final do conto, à espera do sono e do próprio sonho: "Vou sonhar mentiras. Amanhã tenho de acordar às cinco da manhã. Acordar não, ser acordada. Deus ajuda a quem cedo madruga" (VIANA, 1992, p. 47). Tanto no começo quanto no final do conto, não sabemos o que a menina sonhou; sabemos que o sonho foi bom, que deseja sonhar novamente e que sonhou/sonha mentiras, como se o passado representasse não somente o tempo do sono e do sonho, mas também a saída de um lugar onde não é aprazível estar. Vale relembrar onde ela está quando isso acontece: em um internato católico.

Num jogo de pensamentos e de expressões contraditórias, a narradora nos envolve em seus dilemas cotidianos, como a escovação dos dentes:

Só faço questão de uma coisa: escovar bem os dentes. Pego minha toalha e meu copo de plástico e entro na fila. Bem que tem lugar de sobra nos lavatórios, mas é preciso esperar. Mordo o cabo de minha escova pensando como seria simples se eu pudesse escovar os dentes ao lado daquela ali na minha frente. Há lugar pra duas, três, quatro, há lugar pra todo mundo. Mas é proibido, tem que ser em ordem, uma de cada vez. (VIANA, 1992, p. 43).

A marca da proibição e do ordenamento rígido é registrada a todo tempo pela narradora, desde a arrumação das camas pela manhã, passando pela escovação dos dentes, pelas aulas, pelas refeições, pelos estudos obrigatórios à tarde e à noite, chegando ao momento em que todas as meninas devem se recolher a suas camas. A vida no internato resume-se aos cuidados com aquilo que os olhos veem: a higiene com o corpo, a alimentação do corpo, o descanso do corpo e o preenchimento dos horários com os estudos escolarizados. Em resumo, há um disciplinamento e um distanciamento dos corpos, o que não preenche as inquietações da mente da protagonista.

Segundo Gaston Bachelard (1993, p. 45), "[...] a casa não conhece os dramas do universo". A casa, mais do que oferecer um teto para o corpo contra as intempéries, tem funcionalidades como: proteger, abrigar, aninhar, protegendo o sujeito dos dramas de lá de fora. Comparado a uma casa, o internato não é acolhedor, não é um lugar de proteção, de braços que aninham.

A falta de liberdade e de afeto no internato é sentida pela protagonista também no distanciamento dos corpos, o que enfatiza o ambiente de proibições onde o aninhar e o acarinhar não existem. Ela procura demonstrar sua afeição por alguém em um ato aparentemente banal na pia da escovação dos dentes:

Enquanto escovo, dou uma olhada para trás, com o rabo do olho, pra ver quem está atrás de mim, na fila. Se for uma menina simpática, eu faço tudo bem depressa, para que ela espere pouco. Se for chata, levo um ano escovando, lavando a escova, escovando de novo, lavando o rosto, enxugando. E ainda esqueço o copo. Depois, quando ela começa a escovar, peço licença e apanho o copo. (VIANA, 1992, p. 44).

Então, escovar os dentes torna-se não somente um ato automático e cotidiano de higiene corporal; ele é um dos raros momentos de demonstração de afeto por algumas meninas, representado pelo encurtamento de uma ação que se acumula na modorra de uma mais um dia no internato.

Se com as meninas há alguma tentativa de afeto, na sala de aula, com os professores, o desinteresse manifesto pela narradora é notável:

Como são chatas as aulas da segunda série ginásial. Matemática, Francês, Desenho, sei lá o que mais. Os professores entram, falam milhares de coisas, saem e eu nem os vejo direito. *Amanhã* eles vão entrar *de novo*, tornar a falar e a sair. Eu *não* aprendo *nada* e não sei se eles aprendem alguma coisa. (VIANA, 1992, p. 44, grifo nosso).

Novamente, os marcadores adverbiais e o verbo tornar, com o sentido de repetir, reforçam o tipo de relação que a protagonista mantém com a sala de aula, que poderia ser um lugar de libertação das proibições do internato. Não é possível negligenciar a apatia com a qual ela se debate todos os dias no contato com os professores e que, por extensão, acaba contagiando o leitor. Um contato, inclusive, que nem parece se realizar visualmente, a se crer no comentário que segue:

Essa freira que passa pra lá e pra cá, aqui no dormitório, enquanto eu tiro o uniforme e visto a camisola, deve gostar [de pensar em números]. Eu não tenho certeza não, mas acho até que ela é professora de Matemática. Tem cara disso. (VIANA, 1992, p. 46).

A Matemática, vista pelo senso comum como uma disciplina dura em que o contraditório aparentemente não existe, assume para a menina uma carga emotiva negativa, podendo nivelar o ser humano a uma máquina: "Eu gosto de pensar, mas não gosto de pensar em números. Não tem graça nenhuma, número é coisa de máquina" (VIANA, 1992, p. 46).

Por extensão, podemos pensar que "coisas de máquina" são chatas, assim como as aulas no internato o são. Quando a narradora assevera que os professores entram na sala e escrevem coisas na lousa que ela nem lê (VIANA, 1992, p. 44), temos a apatia como um sintoma desse ensino automatizado. Citemos:

Eles [os professores] olham para mim, conversam comigo, me perguntam as coisas. *Não respondo nada, não porque eu não saiba, mas porque não concordo com as respostas. São respostas que me foram ensinadas sem que eu pedisse ou quisesse, e não posso concordar.* (VIANA, 1992, p. 44, grifo nosso).

Vejamos: os professores entram na sala, falam e escrevem uma porção de coisas e saem aparentemente tão ignorantes de seu estado quanto os alunos - "Eu não aprendo nada e não sei se eles aprendem alguma coisa" (VIANA, 1992, p. 44, grifo nosso). Não se estabelece uma relação efetiva, nem afetiva, de ensino-aprendizagem num espaço onde isso poderia representar um indício de liberdade em meio à clausura e às proibições do internato. A apatia e o desinteresse pelas aulas são modos de reivindicação do direito à voz, mas não uma voz consonante com o que é (im)posto, porém com aquilo que representa a opinião da protagonista, com o seu modo de ver as coisas. Leiamos:

São respostas que me foram ensinadas sem que eu pedisse ou quisesse, e não posso concordar. As coisas não são tão simples como eles [os professores] pensam. Cada pessoa tem as suas respostas. (VIANA, 1992, p. 44-45).

Notamos então que a protagonista tem um modo especial de exprimir suas emoções, dissimuladamente, como se processa em ambientes fechados e de proibição. Ela busca inclusive uma explicação para seu comportamento negligente em relação às coisas do internato, num movimento que parte de um estado aparentemente egoísta:

Também não estou preocupada com isso, eu me preocupo é comigo mesma. Outro dia uma colega me disse que o professor não sei de que matéria disse que os adolescentes só pensam neles mesmos, são uns egoístas. Então está explicado: eu sou adolescente. Eu vivo pensando em mim. Não faço outra coisa o dia inteiro. (VIANA, 1992, p. 44).

A narradora manipula o leitor, aparentemente aceitando que sua condição questionadora e voltada para si mesma se deve à adolescência, *grosso modo*, entendida como aquela fase em que o ser humano maximiza seu egoísmo, desconsiderando os outros que estão ao seu redor.

Por outro lado, o que podemos ler nas entrelinhas da narrativa de Vivina de Assis Viana são aqueles momentos em que nos dirigimos ao outro - no caso do conto, esse outro é uma adolescente em situação escolar e trancafiada em um internato -, questionando-o acerca de coisas sobre as quais não queremos, de fato, saber a opinião dele, porém, queremos atestar que suas respostas correspondam a nossos desejos e à nossa visão de mundo. Portanto, o que o outro - no caso do conto, a adolescente - quer, deseja ou sabe não é importante para quem pergunta; importamos que nossas próprias convicções estejam refletidas nas respostas. A protagonista escreve:

Cada pessoa tem as suas respostas. Eu tenho as minhas e não vou ensiná-las a ninguém. Eu não vou ensinar nada a ninguém, nem respostas nem perguntas, principalmente perguntas. Às vezes eu me pergunto algumas coisas, mas são coisas que todo mundo pergunta, coisas em importância. Na mesa, por exemplo, eu pergunto: você quer água? um pedaço de pão? (VIANA, 1992, p. 45).

Um elemento, aparentemente paratextual, nos chama atenção ao final do conto: "São Paulo, 1970" (VIANA, 1992, p. 47). Levamos isso em conta, na tentativa de compreender a relação de aparente apatia que a protagonista assume com o internato e seu cotidiano autoritário.

Dentro do internato, a adolescente tem que seguir regras, obedecendo às ordens dadas, por exemplo, pelo som das palmas da freira que marca o horário de todas as meninas se recolherem para suas camas à noite. Conversar e reclamar são proibidos: "É proibido conversar. Se não fosse, garanto que todo mundo ia ter um assunto só: reclamar da comida" (VIANA, 1992, p. 45). Enquanto o mundo do internato se fecha sobre a narradora, ela ouve "Os ruídos internos e externos. Na rua, os carros, os passos, os assovios, os gemidos dos doentes da Santa Casa em frente, o alto-falante lá na avenida [...]" (VIANA, 1992, p. 47).

Se o ambiente do internato é de restrições e de silêncio, lá fora, na São Paulo de 1970, apesar de todos os ruídos, a ditadura militar silenciava e apagava vidas, censurava os meios de comunicação do País, torturava e exilava, graças especialmente ao Ato Institucional nº 5, de 13 de dezembro de 1968, o AI-5, assinado pelo então presidente brasileiro, general Costa e Silva. Entre outras providências, o AI-5 previa:

Art. 3º - O Presidente da República, no interesse nacional, poderá decretar a intervenção nos Estados e Municípios, sem as limitações previstas na Constituição.

Parágrafo único - Os interventores nos Estados e Municípios serão nomeados pelo Presidente da República e exercerão todas as funções e atribuições que caibam, respectivamente, aos Governadores ou Prefeitos, e gozarão das prerrogativas, vencimentos e vantagens fixados em lei.

Art. 4º - No interesse de preservar a Revolução, o Presidente da República, ouvido o Conselho de Segurança Nacional, e sem as limitações previstas na Constituição, poderá suspender os direitos políticos de quaisquer cidadãos pelo prazo de 10 anos e cassar mandatos eletivos federais, estaduais e municipais.

De modo geral, as liberdades individuais poderiam ser cassadas e cessadas a qualquer momento e a bem do "interesse nacional", ou seja, dos interesses da "revolução" praticada desde 1964, como se lê no *caput* do AI-5:

CONSIDERANDO que o Governo da República, responsável pela execução daqueles objetivos e pela ordem e segurança internas, não só não pode permitir que pessoas ou grupos anti-revolucionários contra ela trabalhem, tramem ou ajam, sob pena de estar faltando a compromissos que assumiu com o povo brasileiro, bem como porque o Poder Revolucionário, ao editar o Ato Institucional nº 2, afirmou, categoricamente, que 'não se disse que a Revolução foi, mas que é e continuará' e, portanto, o processo revolucionário em desenvolvimento não pode ser detido;
CONSIDERANDO que esse mesmo Poder Revolucionário, exercido pelo Presidente da República, ao convocar o Congresso Nacional para discutir, votar e promulgar a nova Constituição, estabeleceu que esta, além de representar 'a institucionalização dos ideais e princípios da Revolução', deveria 'assegurar a continuidade da obra revolucionária' (Ato Institucional nº 4, de 7 de dezembro de 1966); [...].

Enquanto o regime ditatorial militar se encarregava de silenciar legalmente as vozes que estavam em dissonância com suas proposições, no internato a narradora também se vê sob vigilância constante, submetida inclusive ao "toque da alvorada", como se estivesse na caserna, que a desperta e as outras meninas para mais um dia de rotina.

Eu acordo às cinco da manhã. [...] Uma freira chega, bate umas palmas e o dormitório todo abre os olhos rezando. Não tenho tempo nem de pensar no meu sonho. Fico em pé, arrumo a cama bem-arrumada. Bem que eu tenho vontade de arrumar tudo de qualquer jeito e sair correndo, mas não posso. É preciso esticar bem os lençóis, os cobertores e a colcha. A freira fica passeando pra lá e pra cá, e fiscalizando tudo. (VIANA, 1992, p. 43).

Essa ambiência nos remete a Michel Foucault (1977, p. 135), quando ele categoriza a escola, os hospitais e os presídios como instituições que se apossam da configuração de espaços onde é possível utilizar métodos que permitem o controle do corpo dos sujeitos, "[...] por meio de exercícios de domínio para produzir corpos submissos, exercitados e dóceis. [...] trata-se de organizar o múltiplo, de se obter um

instrumento para percorrê-lo e dominá-lo, trata-se de lhe impor uma ordem". O internato é também uma dessas instituições onde os corpos tornam-se submissos pelo poder exercido, *grosso modo*, por um aparelho de Estado.

Aqui cabe chamar para a discussão Louis Althusser (s/d, p. 43), que escreve sobre o que seja um aparelho de Estado sob a perspectiva da teoria marxista. Eles são, entre outros, o governo, a administração, o exército, a polícia, os tribunais e as prisões. Althusser (s/d, p.43) esclarece que ele os chamará a partir de então de Aparelhos Repressivos de Estado, uma vez que agem em "função da violência", distinguindo-os dos Aparelhos Ideológicos de Estado (AIE).

Designamos por Aparelhos Ideológicos de Estado um certo número de realidades que se apresentam ao observador imediato sob a forma de instituições distintas e especializadas. Propomos uma lista empírica destas realidades que, é claro, necessitará de ser examinada pormenorizadamente, posta à prova, rectificadas e reelaboradas. [...]

- O AIE religioso (o sistema das diferentes Igrejas).
- O AIE escolar (o sistema das diferentes escolas públicas e particulares),
- O AIE familiar, [...] (ALTHUSSER, s/d, p. 43-44).

Sabemos que há outros AIEs. Seleccionamos aqueles que nos são adequados nesta análise. Continuemos. Se os Aparelhos Repressivos de Estado funcionam pela violência, os AIEs funcionam pela ideologia, porém no limite da repressão.

[...] os Aparelhos Ideológicos de Estado funcionam de um modo massivamente prevalente *pela ideologia*, embora funcionando secundariamente pela repressão, mesmo que no limite, mas apenas no limite, esta seja bastante atenuada, dissimulada ou até simbólica. (Não há aparelho puramente ideológico). Assim as escolas e a Igreja 'educam' por métodos apropriados de sanções, de exclusão, de selecção, etc. não só os seus oficiais, mas as suas ovelhas. Assim a Família... (ALTHUSSER, s/d, p. 47, grifo do autor).

Como no internato as interações por meio da fala são proibidas/reprimidas, a narradora fica pensando em si mesma ou esboça perguntas sem importância, como: "você está com sono? com frio? estudou tudo pra amanhã?", sem questionar as respostas negativas: "[...] nunca pergunto por quê" (VIANA, 1992, p. 47). O internato "educou-a" a não perguntar, a não discordar, a achar que seus sonhos são mentiras, a desconfiar da natureza da liberdade:

Às vezes é bom, parece que eu estou lá fora, me dá uma sensação de liberdade. Sensação boa, como a do sonho dessa noite. Mas às vezes é ruim demais, eu fico escutando os barulhos lá de fora, os barulhos da rua, as músicas, os passos, os assovios, me dá uma sensação que

nem sei do quê, parece que eu vou sumindo ou que eu não existo. (VIANA, 1992, p. 42).

Durante a ditadura militar brasileira, o Estado compôs o seu sumidouro de gente e de liberdades individuais investindo na violência material e simbólica dos Aparelhos Repressivos. Por outro lado, a ditadura precisava "educar" os sujeitos para que essa função violenta e violadora fosse dissimulada e aceita como uma espécie de resguardo salvífico da "revolução" enunciada no AI-5, no que foi bem servida pelos AIEs, marcadamente a igreja católica, as escolas e a família. No conto *Escrevo coisas e apago*, pior que não distinguir o que seja a liberdade, é se ver sumindo ou questionando a própria existência, o que está referenciado, aparentemente, na ausência de um nome próprio e na relação que a narradora mantém com os provérbios.

3. A PERSONAGEM SEM UM NOME PRÓPRIO APARENTE E SUA (P)REFERÊNCIA AOS PROVÉRBIOS

Segundo Antonio Candido (1976), a ficção é o lugar em que os seres humanos e suas vicissitudes tornam-se visíveis, por serem projetados por orações, por frases, por palavras. Há uma tal organização sintático-semântica desses elementos que se estabelece uma realidade estética, por meio da qual é possível demandar o aspecto significativo de um texto literário, de onde emanam seus efeitos.

Como observado anteriormente, o conto *Escrevo coisas e apago* (VIANA, 1992) foi escrito em único parágrafo, com apenas uma personagem, a protagonista e narradora de sua própria rotina em um internato para meninas/adolescentes. Anatol Rosenfeld (1976, p. 22) assevera que:

Na ficção narrativa desaparece o enunciador real. Constitui-se um narrador fictício que passa a fazer parte do mundo narrado, identificando-se por vezes (ou sempre) com uma ou outra das personagens, ou tornando-se onisciente etc. Nota-se também que o pretérito perde a sua função real (histórica) de pretérito, já que o leitor junto com o narrador fictício, 'presencia' os eventos. [...] As pessoas (históricas), ao se tornarem ponto zero de orientação, ou ao serem focalizadas pelo narrador onisciente, passam a ser personagens; deixam de ser objetos e transformam-se em sujeitos, seres que sabem dizer 'eu'.

O presente contínuo da narrativa de *Escrevo coisas e apago* inclui o leitor como testemunha do cotidiano maçante e proibitivo do internato de um "eu" que, se existe como sujeito de suas ações e as enuncia, por outro lado, não tem um nome próprio aparente ou alguma característica que o distinga das demais meninas daquele lugar. A narradora constrói relações de causa e efeito que se naturalizam ao longo do conto, encadeando-as ao modo da rotina, como no período matutino:

acordar - escovar os dentes - arrumar a cama - ouvir missa - tomar café da manhã - seguir para as aulas. Podemos pensar que o fato de gostar de provérbios possa ser o traço distintivo entre ela e as demais meninas. Veremos isso a seu tempo.

Sabemos que "a personagem é um ser fictício" (CANDIDO, 1976, p. 55), porém, em face da verossimilhança, ela se torna real na realidade estética. No conto de Viana (1992), ainda que a rotina seja modorrenta, a narradora nos convence sobre a possibilidade de sua existência. Incomoda-nos, no entanto, a ausência de um nome próprio aparente, de alguma referência à história da narradora que não se restrinja ao mundo do internato. Mesmo de sua aparência física, sabemos somente que é uma adolescente que está em dúvida, entre outras coisas, sobre se corta ou não os cabelos: "Assento na cama, penteio meus cabelos e tenho a mesma dúvida de sempre: eles estão crescendo, não se corto ou se deixo, se uso franja ou não" (VIANA, 1992, p. 46-47). De que cor são esses cabelos? São crespos ou lisos? Os aspectos mais marcantes da narradora são os dilemas de seus pensamentos e seus conflitos cotidianos. Esses são os traços característicos, como assevera Candido (1976, p. 60), "[...] de onde pode[m] jorrar a cada instante o desconhecido e o mistério".

Por que a protagonista não tem nome próprio aparente? Uma resposta possível e em aparente consonância com o lugar onde o corpo da narradora está situado nos leva à proposição de que houve todo um trabalho de assujeitamento da adolescente, exercido pelos AIEs ligados à escola, à religião e à família (ALTHUSSER, s/d). Esse assujeitamento chega ao limite de a narradora exclamar: "[...] me dá uma sensação que nem sei do quê, parece que eu vou sumindo ou que eu não existo" (VIANA, 1992, p. 42). Mas será que isso nos impede de falar, de escrever sobre ela?

Segundo a classificação dos substantivos, dos nomes, eles "[...] podem ser de *extensão* diferente; ora expressam a *espécie* (homem, menina, cidade, rio, etc.), ora um *indivíduo* da espécie (Bruno, Mimi, Belém, São Francisco, etc.). Os primeiros chamam-se COMUNS; os outros, PRÓPRIOS" (ROCHA LIMA, 1980, p. 63, grifo do autor).

Se na gramática tradicional, normativa, o nome próprio individualiza o ser, Vilém Flusser (1999, p. 60-61), em **A dúvida**, breve tratado no qual discute a função ontológica da gramática, propõe que na língua há palavras que

Exigem um esforço quase extra-lingüístico (*sic*) para serem pensadas e articuladas. Ao pensá-las estamos sentindo uma barreira, e ao articulá-las somos tentados a grunhir, gritar, ou fazer um gesto. São palavras do tipo 'isto aqui', ou 'aquilo ali'. Chamemos palavras deste tipo de 'palavras primárias', ou 'nomes próprios'.

Entendemos que os nomes próprios, como sugerido por Flusser, presentificam uma ausência material, um desejo que se encontra no pensamento, no intelecto do ser, sendo capazes de trazer e produzir sentido à realidade empírica. Sendo assim, "A atividade do chamar é a única atividade produtiva do intelecto. Os nomes próprios são os produtos dessa atividade" (FLUSSER, 1999, p. 63). No entanto, ainda que

[...] tudo possa ser chamado de nome próprio, embora tudo possa ser apreendido, pelo menos em teoria, nem tudo pode ser compreendido pelo intelecto. Nem tudo pode ser conversado. Chegamos a essa conclusão não por alguma especulação mística, [...] Não podendo servir de sujeitos e objetos de frases significativas, não se transformam estes nomes em palavras secundárias e continuam [...] símbolos sem significados, símbolos vazios. Não obstante, podem ter importância, às vezes decisiva, para o processo intelectual. (FLUSSER, 1999, p. 63).

Até aqui, ainda que não saibamos o nome próprio (como sugerido pela gramática tradicional) da narradora do conto *Escrevo coisas e apago*, isso não nos impediu de reconhecê-la e tratá-la por uma série de outros nomes "próprios" (como sugerido por Flusser em **A dúvida**): protagonista, personagem, menina e adolescente, tornando-a sujeito de uma série de reflexões interpretativas e objeto desta conversação crítico-analítica. Se, por um lado, ampliamos o território linguístico-interpretativo acerca da personagem do conto de Viana (1992), por outro, isso não diminuiu as possibilidades infinitas do que ainda está armazenado em estado de inarticulação no pensamento, no intelecto do ser. Esse paradoxo se desdobra em uma questão polêmica:

Formalmente considerada é a conversação uma conversão de nomes próprios em palavras secundárias *sempre mais afastadas do nome próprio, sempre mais abstratas*; a conversação é um processo de abstração. (FLUSSER, 1999, p. 70, grifo nosso).

Pela proposição de Flusser, a conversação, que no caso do conto em análise é a própria narrativa, não subjetiva o ser; ela o torna assujeitado à lógica que organiza o pensamento, o intelecto. O que, à primeira vista, poderia ser a derrocada do sujeito não o é, pois a conversação possibilita não somente a expansão do pensamento, do intelecto, mas também a estruturação e a divulgação do conhecimento articulado desse intelecto, pois

Um nome próprio está sendo conversado simultaneamente em diferentes níveis de abstração, portanto em diferentes níveis de significado. A cada nível de significado corresponde uma disciplina diferente, com uma metodologia pouco mais pouco menos diferente. (FLUSSER, 1999, p. 71).

No conto de Viana (1992), esses diferentes níveis de significado estão impressos tanto na narração da rotina do internato quanto na predileção pela certeza que a narradora diz perceber nos provérbios: "Provérbio é bom porque está sempre certo. Não existe nem um provérbio errado" (VIANA, 1992, p. 45).

Na narrativa aparecem vários provérbios que nos fazem pensar por que foram selecionados para compor o universo de verdades que acompanham a protagonista do conto.

Presentes nas falas cotidianas, os provérbios populares fazem parte da nossa e de outras culturas mundiais. Os provérbios, numa frase, condensam uma grande sabedoria popular, apresentando significados de cunho moral, filosófico e religioso. Segundo Xatara e Succi (2008, p. 35),

Para nós provérbio é uma unidade léxica fraseológica fixa e, consagrada por determinada comunidade lingüística (*sic*), que recolhe experiências vivenciadas em comum e as formula como um enunciado conotativo, sucinto e completo, empregado com a função de ensinar, aconselhar, consolar, advertir, repreender, persuadir ou até mesmo praguejar.

Selecionamos essa formulação, pois ela congrega os aspectos mais comumente reconhecíveis em um dos fraseologismos mais populares da língua. Além disso, Xatara e Succi (2008, p. 46) estabelecem características sintáticas (como a concisão e os tempos verbais no presente ou no futuro,) semânticas e pragmáticas para conceituar o provérbio como um "enunciado fraseológico", interessando-nos as duas últimas:

2. Quanto à semântica:

representa uma verdade geral resumindo experiências vividas por mais de um indivíduo, seja sentimentos (raiva, decepção, revolta, carinho, saudade etc) ou posicionamentos (sobre classe social, idade, raça, sexo, religião etc);

tem pretensões de ser válido universalmente, mas às vezes apresenta um valor peculiar restrito a uma região;

3. Quanto à pragmática:

é atemporal e de maior frequência (*sic*) na modalidade oral de que na escrita;

é aprovado pela coletividade e transmitido de geração em geração;

não tem autoria pois sua condição de produção foi apagada;

tem como objetivo comprovar a idéia do usuário, argumentar, aconselhar, persuadir ou controlar condutas;

pode ser compreendido isoladamente, mas muitas vezes revela intertextualidade e é empregado em função de um contexto;

funciona como subsídios de orientação do homem em relação a si mesmo, aos outros e às futuras gerações;

é consagrado por uma determinada comunidade lingüística (*sic*).

Com base nas funções e nas características enumeradas por Xatara e Succi (2008), os provérbios escritos pela narradora do conto *Escrevo coisas e apago* serão relacionados em face do lugar de onde fala a menina. Antes disso, listemos todos os provérbios - que são sete - do conto na ordem em que eles são citados.

Dos males, o menor.
Quem tudo quer, tudo perde.
Devagar se vai ao longe.
Quem corre cansa.
Água mole em pedra dura tanto bate até que fura.
Quem vê cara não vê coração.
Deus ajuda quem cedo madruga.

Entre as funções enunciativas dos provérbios, temos a de consolar/a consolação (XATARA; SUCCI, 2008, p. 35). Consolar pode significar: reconfortar, aliviar, mitigar. Comparando os provérbios em curso no conto, notamos que a capacidade de proporcionar algum refrigério em meio à vida proibitiva do internato vem à tona. Todos as unidades proverbiais estão no tempo presente - na primeira, "Dos males, o menor", o verbo ser, na sua forma flexionada "é", está elíptico -, mobilizando o foco da narradora: na resignação com as pequenas coisas cotidianas ("Quem tudo quer, tudo perde"), na persistência de longo prazo ("Devagar se vai ao longe), na parvoíce das aparências ("Quem vê cara não vê coração") ou na validade do auxílio divino para aqueles que creem ("Deus ajuda quem cedo madruga). Todos os provérbios do conto mantêm tensionado o fio da esperança de que, ainda que haja um novo dia de rotina, haverá ao final dele uma nova noite para "sonhar mentiras" (VIANA, 1992, p. 47), porém é preciso madrugar. Esse fio está em estado de tensão, porque sua permanência depende das atitudes que a narradora tomará em relação aos acontecimentos modorrentos do internato.

É proibido conversar. Se não fosse, garanto que todo mundo ia ter um assunto só: reclamar da comida. É o tipo de comida que a gente come só porque não tem jeito. Ou come ou fica com fome. Comida ruim é melhor que fome. Nos dias piores a gente agüenta (*sic*): fica sem almoço e come mais na hora do jantar. *Dos males, o menor. Meu pai gosta de dizer isso, dos males o menor.* (VIANA, 1992, p. 45, grifo nosso).

Suportar a má qualidade das refeições do internato parece uma questão menor em relação a outras que se passam por lá; não sabemos quais seriam as possíveis condições piores, pois a narradora não estabelece qualquer comparação. Por outro lado, no uso do provérbio em destaque, ressoa ao fundo uma voz que congrega a experiência e a autoridade familiar: o pai gosta de dizer esse adágio. Essa é a única referência que temos à família da adolescente, o que nos leva a especular: será que sua estadia no internato é um "mal menor" para a família em relação, por exemplo, à formação escolarizada que o internato garantiria à narradora? Deixar a menina ao sabor da ignorância seria o "mal maior" e enviá-la para o internato seria um modo afetivo de o patriarca demonstrar seu amor pela filha?

Ao, aparentemente, aceitar que a estadia no internato é um "mal menor", a narradora sabe que de nada adianta rebelar-se contra a rotina, oralizar algum tipo de descontentamento ou tentar apressar o passo das horas, pois "quem corre cansa"

e não alcança. Isso não significa, contudo, que ela não tenha consciência de que haja a possibilidade de uma vida de liberdade fora de lá.

Água mole em pedra dura tanto bate até que fura. Esse último eu demorei um pouco pra entender, mas agora *eu entendo muito bem.* *Eu gosto muito de pensar nele.* Eu penso demais, por isso não gosto daqui. (VIANA, 1992, p. 45, grifo nosso).

O provérbio no qual ela gosta de pensar expressa, de modo explícito, a sabedoria da espera e a promessa da vitória para aqueles que persistem. Além disso, com relação à vida no internato, ele se mostra em consonância com duas das funções enumeradas por Xatara e Succi (2008, p. 35): o controle disciplinar da conduta da narradora, incentivando-a a permanecer em estado de dissimulação quanto ao desgosto e à apatia da rotina, e o subsídio para suas reflexões, adequando-as àquilo que se espera de alguém que vive em um internato. Assim, de modo peculiar, os provérbios a ajudam a sobreviver a uma rotina de proibições e de reclusão.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando pensamos que o conto foi escrito num único parágrafo; que ele tem por título *Escrevo coisas e apago*; que seu início é marcado pelo despertar da narradora às 5 horas da manhã e seu fecho pelo recolher-se ao dormitório com as outras meninas; que a escovação dos dentes, a reza, as refeições, a presença nas aulas e os horários de estudo à tarde são marcados como atividades rotineiras; que sonhar é um hábito e é uma mentira; e que os provérbios são suas certezas, percebemos a presença marcante da repetição na realidade que se dá ao leitor conhecer, o que nos leva a uma indagação: se a protagonista apaga o que escreve, por que ela não apagou o conto? Porque todos os dias são iguais, marcados pela constância das horas, do que cabe fazer dentro delas e talvez, também, de um ambiente externo autoritário, repressivo e violento (a década de 1970 durante a ditadura militar no Brasil). Assim, se o conto foi apagado num dia, no outro ele será escrito da mesma forma, pois nada mudou, nem mudará na rotina do internato ou do mundo lá fora.

Paradoxalmente, a mesma repetição com que a narradora descreve a modorra de seus dias marca também sua resistência às proibições e às sanções ocorridas no internato. Essa resistência está encarnada nos provérbios que, como enunciados marcados especialmente pela experiência e pela autoridade de uma pretensa sabedoria coletiva, impressionam a menina. Desse modo, ela pode nortear seu comportamento no internato pela dissimulação e pela confiança em um futuro antevisto por meio dos provérbios.

O apelo à dissimulação é a tática de sobrevivência à qual a narradora recorre no conto de Vivina de Assis Viana (1992, p. 45), o que fica explícito em: “Eu não estudo nada, não tenho ânimo. Leio algum livro, penso e finjo que estou estudando, faço ponta em todos os lápis de cor, escrevo coisas e apago, depois torno a escrever”.

O que a menina diz ser fingimento é o modo que encontrou de fugir daquele universo de rotina e de submissão dos corpos e das vontades, sem que as pessoas à sua roda se deem conta disso e possam reprimi-la (mais) ou castigá-la. Mesmo os mínimos barulhos são alvo de controle, por exemplo, quando da caminhada noturna de uma das freiras: "A freira continua a ronda. Quando ela vem pra cá, há alguns cochichos de lá. Quando ela via pra lá, é a nossa vez" (VIANA, 1992, p. 47). Isso, no entanto, não impede que as meninas se comuniquem, burlando o silêncio imposto. O que elas falam? Não importa. Importa que, a cada sussurro inaudito, a presença da resistência se faz presente.

Referências

ATO INSTITUCIONAL Nº 5, DE 13 DE DEZEMBRO DE 1968. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ait/ait-05-68.htm. Acesso em 16 jul. 2020.

ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado**. Tradução de Joaquim José de Moura Ramos. Lisboa: Presença; Martins Fontes, s/d.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. Tradução de Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

CANDIDO, Antonio. A personagem do romance. In: CANDIDO, Antonio *et al.* **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

FLUSSER, Vilém. **A dúvida**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999. (Conexões; 1).

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramalhete. Petrópolis: Vozes, 1997.

HERNANDES, Andréia Nogueira. **As intenções da escritura: criação literária e aspectos biográficos em Vivina de Assis Viana**. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.uel.br/document/?code000148772>. Acesso em: 23 jul. 2020.

POE, Edgar Allan. A filosofia da composição. In: POE, Edgar Allan. **Ficção completa, poesia & ensaios**. Tradução de Oscar Mendes. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. (Volume único).

ROCHA LIMA, Henrique da. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 21. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980.

ROSENFELD, Anatol. Literatura e personagem. In: CANDIDO, Antonio *et al.* **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

VIANA, Vivina de Assis. Escrevo coisas e apago. In: CAMPEDELLI, Samira Youssef (Org.). **Professor e aluno**. 2. ed. São Paulo: Atual, 1992. p. 42-47. (Série vínculos).

XATARA, Claudia Maria; SUCCI, Thais Marini. Revisitando o conceito de provérbio. **Veredas on-line**, Juiz de Fora, p. 33-48, 1/2008. Disponível em: <https://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2009/12/artigo31.pdf>. Acesso em: 7 jul. 2020.

Para citar este artigo

SANTOS, R. C. Z.; MACIEL, R. C. P. Questionamentos e certezas que inquietam em escrevo coisas e apago. **Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 10, n. 1, 2021, p. 50-66.

As Autoras

ROSANA CRISTINA ZANELATTO SANTOS possui doutorado em Letras pela USP (1999). Estágio pós-doutoral na UnB (2017). É professora titular da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, docente e orientadora no Programa de Mestrado e de Doutorado em Letras (PPGL/UFMS) e docente e orientadora no Programa de Mestrado em Estudos de Linguagens (PPGEL/UFMS). PQ - CNPq.

RAFAELA CRISTIANE PEREIRA MACIEL é mestranda do Programa de Mestrado em Estudos de Linguagens (PPGEL/UFMS).